

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
O VENTO NO CINEMA – FAZER VER O INVISÍVEL
20 de outubro de 2022

THE HAPPENING / 2008

(O Acontecimento)

um filme de M. Night Shyamalan

Realização e Argumento: M. Night Shyamalan / **Direcção de Fotografia:** Tak Fujimoto / **Design de Produção:** Jeannine Oppewall / **Direcção Artística:** Anthony Dunne / **Guarda-Roupa:** Betsy Heimann / **Música:** James Newton Howard / **Som** (concepção): Paul Urmson / **Montagem:** Conrad Buff / **Interpretação:** Mark Wahlberg (Elliot Moore), Zooey Deschanel (Alma Moore), John Leguizamo (Julian), Ashlyn Sanchez (Jess), Betty Buckley (Mrs Jones), Frank Collison (o botânico), Spencer Breslin (Josh), Robert Bailey Jr (Jared), Jeremy Strong (soldado Auster), Alan Ruck (professor), etc.

Produção: Spyglass Entertainment – UTV Motion Pictures, para a 20th Century-Fox / **Produtores:** Barry Mendel, Sam Mercer e M. Night Shyamalan / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português, 91 minutos / **Estreia em Portugal** (Lisboa): Alvaláxia, Londres, Colombo, Vasco da Gama, Monumental, Cinemacity Campo Pequeno, El Corte Inglés, a 12 de Junho de 2008.

“Um acto da natureza que nunca conseguiremos compreender cabalmente”, ouve-se dizer por duas vezes em **The Happening**. Da primeira vez, ainda os intervenientes ignoram o “acontecimento” que começou a manifestar-se no Central Park de Nova Iorque, a frase é ouvida como resposta, não totalmente desaprovada pelo professor (Mark Wahlberg), de um aluno a uma pergunta sobre o desaparecimento misterioso, em dadas circunstâncias, das populações de abelhas. Da segunda vez, perto do final, já o “acontecimento” aconteceu, a frase volta como possível moral da história, ouvida na televisão da boca de um cientista que quer reforçar a incerteza de todas as explicações. Substituamos “natureza” por “Deus” e tudo – a frase e o “acontecimento” – continua a fazer sentido: “um acto de Deus que nunca conseguiremos compreender totalmente”. O mistério de **The Happening** é divino e a natureza é o seu intérprete. Se Deus está em todo o lado, também está nas plantas. “Eco-thriller” nos modos e na linguagem, **The Happening** é, no seu coração, e como todos os Shyamalans, um “thriller metafísico”. Nele, a Natureza é o outro nome de Deus, o veículo através do qual se manifesta uma ordem transcendente e inatingível.

Esta sobreposição da divindade e da natureza, sendo provavelmente a ideia mais velha e mais universal da história da humanidade (entretanto caída em desuso), se transposta para o plano da ética (ou de uma “ética ambiental”), tem uma validade que talvez não seja desinteressante redescobrir. Num plano científico **The Happening**

coloca a questão do “inexplicado” e do porventura “inexplicável” – e a pergunta que o espectador pouco versado em assuntos científicos fica com vontade de fazer é esta: qual é a probabilidade de a Natureza nos reservar, num futuro mais próximo ou mais distante, uma surpresa do género da que é empreendida pelas plantas de **The Happening**? E, finalmente, o filme de Shyamalan envolve a questão ambiental em “zeitgeist” geopolítico que pode lá estar só para dar cor e contexto mas não deixa por isso de lá estar: o terrorismo, visto que se começa por se suspeitar de um novo 11 de Setembro (a cena dos operários que vão caindo dos andaimes ecoa muito directamente esse outro “acontecimento”), agora conduzido com armas biológicas, a desconfiança institucional face à opacidade das organizações do poder (a hipótese de o “acontecimento” ter sido o resultado de uma experiência da CIA que correu mal). De certo modo, e mesmo que não seja o que mais interessa a Shyamalan, **The Happening** recentra a questão ambiental como questão política global, impensável por abstracção da vasta complexidade do mundo contemporâneo.

De uma maneira ou de outra, isto é inescapável: **The Happening** figura a Natureza como instância punitiva. É um filme sobre um castigo que se abate sobre a Humanidade, ou sobre uma porção da Humanidade, a que habita no Nordeste dos Estados Unidos. Pelo epílogo parisiense, sabemos que o castigo chegará em breve a outras porções da Humanidade, assim reforçando o estatuto “vingativo” da Natureza (e aquele céu sobre as Tulherias parece reenviar para os épicos bíblicos da antiga Hollywood, como se fosse uma alusão expressa a um Deus irado de Antigo Testamento). Mas, como noutras ocasiões (**Signs**, o seu filme que mais evidentemente se aproxima deste), este tipo de “castigos” é uma maneira de salvar e de recompor situações muito pessoais e muito precisas. Como se Deus tivesse apenas uma maneira particularmente tonitruante de vir em socorro de alguns indivíduos “protegidos” (como lhes chamava o título português de **Unbreakable**). O centro afectivo de **The Happening** é, pois, o casal formado por Mark Wahlberg e Zooey Deschanel, que atravessa a convulsão geral na convulsão, mais pessoal, do seu próprio casamento, com todos os sinais exteriores de estar a entrar em “panne”. E através dessa história passa-se do plano da ciência para o plano da ética e da moral (como os comentários da ambígua e sentenciosa personagem de John Leguizamo bem evidenciam). De certa maneira, o “acontecimento” também é aquela crise que eles atravessam – e sobreviverão à catástrofe se souberem sobreviver a si próprios. O “acontecimento” ecológico e o “acontecimento” conjugal confluem em total sincronismo, como se o desfecho de um estivesse “indexado” ao desfecho do outro. Se **Signs** usava uma invasão extra-terrestre como alegoria de um luto mal resolvido, **The Happening** usa uma catástrofe ecológica como alegoria para uma crise matrimonial.

Luís Miguel Oliveira